

---

---

**COGNIÇÃO E LINGUAGEM: A REPRESENTAÇÃO LINGUÍSTICA EM  
FOCO**

Marcos Luiz Cumpri

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

Carlos Renê Ayres

Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC

**Resumo:** Este artigo anseia estreitar alguns pontos que nos parecem nevrálgicos nos tratados de cognição e linguagem, com especial atenção para o acesso à atividade da linguagem. Como esteio teórico, tomamos tanto o consagrado texto de Corrêa (1999) acerca do panorama da Aquisição da Linguagem para sumarmos, sobretudo, os legados de Bruner e Vygotsky (primeira seção); quanto os conceitos que compõem o núcleo da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativa (segunda e terceira seções) - entre eles o de Atividade Epilinguística e o de Noção - para ilustrarmos o percurso dos sujeitos infantes no ato da representação linguística (quarta seção). O texto ainda traz uma conclusão e referências.

**Palavras-chave:** Cognição; Linguagem; Aquisição da Linguagem; Representações Linguísticas.

**Abstract:** This paper wants to narrow some points that seem essential in the treaties of cognition and Language with special attention to the access to the Language Activity. As a theoretical mainstay, we as consider Corrêa's text (1999) about the outlook of Language Acquisition for summarizing the legacy of Bruner and Vygotsky (first section); as the concepts that make up the core of Theory of Predicative and Enunciative Operations (second and third sections) - including the concepts of Epilinguistic Activity and Notion - to illustrate the route of children in the act of linguistic representation (fourth section). The text also has a conclusion and references.

**Keywords:** Cognition; Language; Language Acquisition; Linguistic Representations.

## **Introdução**

A psicologia moderna tem se preocupado, entre outras coisas, em compreender como o processo de percepção é afetado por outras funções mentais e como essas funções são afetadas pela operação de processos perceptivos. A partir disso, este trabalho visa inserir-se no âmbito das discussões que se preocupam com questões de cognição e linguagem com especial atenção para as representações linguísticas dos sujeitos<sup>1</sup> infantis.

Além de trazermos considerações acerca da aquisição da linguagem pela voz de Corrêa (1999), tentaremos, junto a isso, estabelecer um diálogo entre a linguística e algumas vertentes da psicologia que se preocuparam com esse tratado. O texto ainda traz momentos dedicados à cognição e à linguagem com especial atenção à diversidade da linguagem e às atividades linguísticas na perspectiva enunciativa, além de uma breve reflexão sobre alguns conceitos relevantes para estudos focados na cognição a partir da análise prática de dados de fala infantil.

### **A Aquisição da Linguagem: algumas considerações**

Mais do que uma questão fundamental da Teoria Linguística, a Aquisição da Linguagem surge como um estudo focado na aquisição humana principalmente por estar inserida numa preocupação maior em descrever como os sujeitos em idade precoce adquirem a língua de sua comunidade e dela se tornam dependentes para estabelecerem as relações psicossociais. O empirismo, por sua vez, emerge, nesse contexto, como o grande condutor das pesquisas que adentram a aquisição da linguagem, pois o que está no núcleo de tais pesquisas são os enunciados de crianças coletados em situações naturais e experiências do dia a dia delas.

A aquisição de cada língua requer a identificação de um sistema fonológico e morfológico, além de um léxico, e, por conseguinte, a compreensão de como se estabelecem as relações sintáticas e semânticas. Assim, cabe à criança lidar com a variação da língua que

---

<sup>1</sup> Privilegiamos o termo sujeito (s) por ele coadunar com nossa fundamentação metodológica. No entanto, trata-se de uma questão meramente terminológica sem maiores imbricações.

está adquirindo e cabe à aquisição da linguagem explicar como se dá o processo pelo qual a aquisição natural de qualquer língua natural se realiza.

De acordo com Corrêa (1999), uma teoria da aquisição da linguagem pode ser concebida como um modelo que dinamiza o processo pelo qual se realiza a aquisição espontânea de qualquer língua e essa teoria deverá caracterizar o modo como a criança lida com o material linguístico de que dispõe, extraindo dele informações relevantes sobre a língua em questão, além de explicar de que forma esse processo se faz viável para qualquer outra.

O cerne da aquisição da linguagem, inclusive no Brasil, se deu com a formulação do problema lógico da aquisição da linguagem pelo Gerativismo. Corrêa (1999) é categórica ao afirmar que

esta, ao apresentar um modelo formal de gramática como modelo da competência linguística de um falante/ouvinte abstrato, defrontou-se com a tarefa de explicar o fato de gramáticas (línguas) serem identificadas (num conjunto de gramáticas possíveis) a partir de um subconjunto das expressões por elas geradas, num período de tempo relativamente curto. A formulação desse problema levou a Teoria Linguística a conceber restrições à forma das gramáticas de línguas naturais como parte da dotação biológica característica da espécie humana, o que é formalizado como Gramática Universal (GU) (Chomsky, 1965). O problema da aquisição da linguagem é, portanto, originalmente concebido como um problema de identificação (no sentido de seleção de uma língua num conjunto de línguas possíveis) da língua materna pela criança. (CORRÊA, 1999, p.344)

Os chamados psicólogos do desenvolvimento (Brown, Menyuk, Bloom, entre outros) abordam a aquisição da linguagem ao fazer descrições longitudinais do percurso evolutivo da aquisição da língua inglesa. A teoria linguística que fomentava a linha de investigação desses estudiosos fornecia subsídios instrumentais descritivos para a apresentação de dados do desenvolvimento da criança. Dessa forma, a Psicologia do Desenvolvimento e a Linguística complementavam-se quando o tratado se referia a algo que tangenciava a Aquisição da Linguagem. Nas décadas de 60 e 70 - ao mesmo tempo em que os estudos em Aquisição da Linguagem eram fortemente marcados pela influência dos trabalhos de Piaget sobre o desenvolvimento cognitivo - a Europa tomava ciência dos postulados gerativistas e assim se estabelecia um paralelo interessante: as relações entre linguagem e cognição de um lado e

linguagem e comunicação de outro. E esse paralelo chamou a atenção tanto de psicólogos e linguistas, quanto de filósofos.

Corrêa (1999) destaca que diante de diferentes perspectivas e abordagens, o estudo da aquisição da linguagem passou a ser dominado pela controvérsia: de um lado, a proposta inatista da Teoria Linguística e, de outro, teorias que querem saber (i) o quanto de especificidade é necessário atribuir à língua e linguagem quando comparadas a outros sistemas cognitivos e (ii) o quanto de independência pode ser atribuída ao desenvolvimento linguístico no conjunto do desenvolvimento cognitivo. Em suas próprias palavras:

De um lado, a centralização do problema da aquisição da linguagem em seu aspecto sintático e, de outro, a preocupação com os conceitos e relações semânticas expressas na fala da criança e a hipótese de uma precedência da semântica sobre a sintaxe, no processo de aquisição. (BLOOM, 1970; SCHLESINGER, 1971; BOWERMAN, 1973). De um lado, a idéia da precariedade do input linguístico da criança (CHOMSKY, 1964 apud ALLEN & VAN BUREN, 1971) e, de outro, a caracterização da fala dirigida à criança como um registro peculiar (cf. SNOW, 1986). De um lado, o desenvolvimento linguístico tomando forma a partir da discriminação do sinal acústico da fala nos primeiros dias de vida (EIMAS, 1974 apud MEHLER & DUPOUX, 1990) e, de outro, o desenvolvimento linguístico visto como fundado em habilidades comunicativas ou pragmáticas pré-linguísticas (BATES, 1976). (CORRÊA, 1999, p.349)

Esse conflito fez com que o interesse pela Aquisição da Linguagem se propagasse a ponto de linguistas brasileiros iniciarem-se nesta área. A pioneira Cláudia de Lemos assume um papel importante neste contexto por ter impulsionado um dos maiores projetos brasileiros dentro desse certame. Dentre seus pensamentos, merecem destaque o de que as categorias linguísticas são tomadas como resultado da ação da criança sob a própria linguagem e o de que a ação construtiva da criança na interação verbal é direcionada à própria linguagem.

Entre os estudiosos que se dedicam à Psicologia Cognitiva, Jerome Bruner (1915 -) assume um especial destaque dentro da literatura vigente. Para o nosso trabalho, o que talvez mais se torna relevante é o fato de esse psicólogo não separar pensamento e linguagem na evolução da criança, para ele, pensamento desenvolve-se junto à linguagem e dela depende intrinsecamente. Além disso, é defensor ferrenho da interação entre sujeito, assunto e o modo em que esse assunto é apresentado.

Para Bruner (1983), o desenvolvimento intelectual é caracterizado por independência crescente da resposta em relação à natureza imediata do estímulo e o sujeito deve tanto adquirir meios de representar o que ocorre em seu ambiente, quanto conservar e recuperar a experiência decorrente da estimulação do meio. Ele ainda coloca os aspectos sociais e culturais no âmago do processo de aprendizagem, pois, para ele, os sujeitos são seres capazes de construir novos conceitos, os quais são resultados de conhecimentos tanto atuais quanto prévios, e assim, eles são hábeis a construir hipóteses, fundamentadas numa estrutura cognitiva.

Por fim, Bruner (1983) encara a aprendizagem enquanto um processo tipicamente categorial, onde a categorização relaciona-se, entre outros, com processos de seleção de informação, geração de proposições e construção e verificação de hipóteses. Nesse viés o sujeito organiza as informações de acordo com suas categorias que determinam diferentes conceitos e é ativo e construtor de sua própria aprendizagem e o processo de associações e construções só é possível graças a uma estrutura cognitiva prévia que dá significação e organização às suas experiências.

Já para Vygotsky, pioneiro no estudo do desenvolvimento intelectual da criança por meio da língua a partir de uma teoria sociointeracionista, a língua é entidade socialmente compartilhada que além de ser o instrumento da aquisição do conhecimento, introduz a criança no curso de um desenvolvimento sócio-histórico.

Vygotsky (1962) atribui à linguagem verbal um papel central no desenvolvimento cognitivo porque acredita que a criança por ter a língua como instrumento, desenvolve o que é chamado de pensamento verbal, uma atividade mental que, ao tornar-se consciente, necessitará de uma linguagem de apoio. Vygostky (1962) enfatiza, ainda, que esse pensamento verbal, em contraposição à fala, não seria inato e sim determinado sócio-historicamente. Ele considera que a mediação exercida pela língua durante o processo de aquisição tem papel crucial determinado por fatores sócio-históricos no desenvolvimento cognitivo.

Para muito além da discussão pouco frutífera a respeito de uma polarização entre uma abordagem comportamentalista (na Égide de Bruner) e uma abordagem sociointeracionista (o legado de Vygotsky), essa seção destinou-se a apontar que o núcleo duro das mais consolidadas teorias acerca da investigação do desenvolvimento cognitivo atrelado ao desenvolvimento da linguagem está nos processos que regem e estabelecem a representação linguística. Na perspectiva bruniana, essa premissa fica clara quando se assume que os sujeitos buscam no universo fenomenológico a provocação necessária para categorizar linguisticamente aquilo que suas experiências cognitivas imprimem em seus cérebros. Já na vygotskyana, evidencia-se o papel das relações sociais na constituição da identidade linguística de cada sujeito, sobretudo no que se refere à linguagem verbal, a qual seria, ao mesmo tempo, produção e produto de uma capacidade inata do ser humano: a fala.

### **A Linguística Enunciativa e a articulação entre língua e linguagem**

Nesse item teremos nossas discussões ancoradas pelo ponto de vista da linguística enunciativa. E a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) do linguista Antoine Culioli e seus colaboradores, por ser uma teoria do mapeamento das operações elementares subjacentes à atividade de linguagem, assume um papel importante dentro das pesquisas que adentrem o campo da Psicolinguístico (aquisição de línguas materna e estrangeira, processamento da linguagem em adultos normais e afásicos, processamento do bilinguismo, etc.).

A Linguística Enunciativa de Culioli parte do princípio de um estudo da articulação entre linguagem<sup>2</sup> e as línguas, isto é, a atividade da linguagem apreendida por meio das línguas naturais. Nesse contexto, a linguagem é apreendida por meio de marcas que registram

---

<sup>2</sup> Dentro dessa reflexão a linguagem é vista como uma atividade simbólica existente em todos os seres humanos, portanto é uma instância social em que o outro é constitutivo do próprio material simbólico a ser expresso. De acordo com Rezende (2000), a linguagem é entendida como uma atividade, como uma prática, uma capacidade pertencente a todos os seres humanos, de construir símbolos, representações, dos processos de síntese (indução) e de elaborações de análise (dedução).

a transição das representações mentais da linguagem para as representações enunciativas da língua. Assim, a linguagem não é um resultado, mas um trabalho de elaboração da realidade por meio das percepções dos sujeitos. Isto é, a linguagem é uma atividade de (re) construção que se realiza por meio de operações resultantes da produção de enunciados num determinado momento (tempo), num determinado lugar (espaço), por um determinado (co) enunciador (sujeito), o qual (re)constrói significações por meio da (re)interpretação da realidade; ou como diz Rezende (2000, p.1), “*o conceito de linguagem, enquanto atividade de representação (psicológico), referência (sociológico) e regulação (psicossociológico) é sinônimo de reflexão, cognição, pensamento e se constitui na porta de entrada para a reflexão interdisciplinar*”.

Culioli (1976) afirma que a atividade de linguagem caracteriza-se pela capacidade humana de construção de representações mentais baseadas nos universos extralinguístico e linguístico e que dão origem às noções com suas propriedades particulares; enquanto que a língua seria um sistema que se apresenta na forma de texto e é dependente de quem a fala, por os sujeitos sempre estarem imersos nos sistemas linguísticos de suas línguas.

Geraldi (1991) atribui a reflexividade (a capacidade de remeter a si mesma) como uma das características essenciais da linguagem e sendo assim ele destaca três ações que os sujeitos fazem em relação a ela: ações *com* a linguagem (atividade linguística) ações *sobre* a linguagem (atividade epilinguística) e ações *da* linguagem (atividade metalinguística).

Dentre essas ações, a atividade epilinguística assume especial destaque nos tratados da linguagem por ser uma atividade não representada; e ainda que não representada, refere-se a um diálogo interno, e assim, a criação e o reconhecimento das significações estão íntima e indissociavelmente ligados a esse diálogo interno ou, em outras palavras, à já conhecida atividade epilinguística (ou atividade metalinguística inconsciente). Nas palavras de Rezende (2000):

Para que haja processo de produção e reconhecimento de significações, é indispensável a existência de um diálogo interno, quer dizer, de uma relação especular. É necessário aproximar como diferentes ou quase-idênticos dois (no mínimo) conteúdos predicativos ou modulações e extrair, em consequência do

diálogo ou do monólogo, a sutileza da diferença responsável pela configuração de um tal significado, que resultará, então, em uma terceira modulação ou conteúdo predicativo. (REZENDE, 2000, p. 60)

Em suma, essa atividade é o momento em que os sujeitos param para refletir sobre os recursos expressivos que estão usando. Trata-se, portanto, de operações linguísticas que estão sempre presentes nas atividades verbais e que se manifestam de modo privilegiado nas relações de gerenciamento de sentido, como por exemplo, as hesitações, as autocorreções, as reelaborações, as rasuras, as pausas, as repetições, as antecipações, os lapsos, entre outros.

Se para a TOPE a tríade língua, enunciador e situação é indissociável, a enunciação pressupõe a existência de um percurso marcado de operações, nas quais um sujeito enunciador, numa situação de enunciação, (por meio de ajustamentos) busca, no discurso, significar e constituir sentidos. Assim, a enunciação é esse momento em que cada sujeito constrói ao mesmo tempo a produção e a recepção do outro, o diálogo se torna a dimensão fundamental da comunicação, mas não uma transmissão de informação linear, e sim uma atividade comunicativa arraigada no ajuste, no agenciamento textual feito por um sujeito que é reconhecível e interpretável por outro de várias maneiras.

Na verdade, estamos insistindo em aproximar uma Linguística do Enunciado a uma Linguística da Cognição por cremos ser o enunciado o arranjo das formas (lexemas, orações, expressões, timbre, acento e entonação) que são marcas de operações subjacentes à atividade de linguagem. Trata-se do elemento mais observável aos olhos dos linguistas por possuir as propriedades que nos levam aos caminhos tanto da descoberta da significação, quanto dos processos (operações, mecanismos) que produzem o próprio significado.

### **Noções e domínios nocionais: as representações mentais**

De maneira geral, as noções são complexos sistemas representacionais das propriedades físico-culturais. Logo, a noção pode ser descrita enquanto um conceito que se refere ao nível das representações mentais, isto é, ao nível das representações que não são



acessíveis diretamente. Trata-se, também, de uma propriedade situada na articulação do linguístico (e porque não dizer metalinguístico) e do extralinguístico em um nível de representação híbrida.

Culioli (1995) decidiu chamar de noção o feixe de propriedades físico-culturais que nós apreendemos por meio de nossa atividade enunciativa de produção e de compreensão de enunciados. De um lado, trata-se de uma forma de representação não linguística ligada ao estado de conhecimento e à atividade de elaboração de experiência de cada sujeito e, de outro, trata-se da primeira etapa de uma representação metalinguística. Nesse meandro, Culioli (1995), ao falar em noção, deixa clara sua preocupação para com as propriedades e relações que as envolvem, portanto, ele ressalta em seus estudos que, a priori, sua busca pelas noções se restringe ao campo das ocorrências, ou seja, seu foco é o estudo do comportamento verbalizado da atividade cognitiva cujo material é a língua.

Já um domínio nocional é o domínio das ocorrências de uma noção e é constituído por ocorrências abstratas de uma noção tipificada, sendo que cada ocorrência possível e imaginável é intercambiável e identificável com outra ocorrência qualitativamente identificável, ou como Rezende (2000) bem observa:

O domínio nocional evoca a ideia de conteúdo de pensamento, por um lado, reunindo objetos de conhecimento e, por outro, colocando-os em relação para efetivamente representar uma certa relação entre eles. Essa relação será sempre aquela que o enunciador escolhe. Isso implica em um esquema: objetos são escolhidos, propriedades lhes são atribuídas, e finalmente o conjunto é composto, organizado, estruturado. O resultado vai se traduzir segundo uma certa composição de significações delimitadas em relação a outras (não delimitadas). Podemos, então, falar em fronteira, interior e exterior de um domínio. Tudo isso é focalizado em direção a um ponto de vista cognitivo, em direção a uma espécie de *centro* do domínio, que será o alto grau da noção. (REZENDE, 2000, p.104)

Uma noção é definida sempre que ela permitir a criação de um domínio de sentido e referência; e só será operatória na atividade linguagística na medida em que ela (a noção) legitimar relações de predicação, as quais construirão esse domínio. As ocorrências linguagísticas, no tocante a um domínio, é, ao mesmo tempo, forma de manipulação e trabalho sobre a representação intracultural desse domínio, fato este que implica na maneira

como ele é construído, criando-se, assim, a necessidade de diferenciar ocorrências linguísticas de ocorrências fenomenológicas<sup>3</sup>. Já a situação linguagística remete a algo que seria um enraizamento de procedimentos linguísticos no interior de estruturas cognitivas, isto é, ações sobre nossas representações dos conhecimentos. E essas representações impõem restrições do funcionamento linguagístico.

Assim, lidar com noções, é indubitavelmente lidar com conceitos, não conceitos no sentido universalista do termo, mas no sentido de serem representações das atividades simbólicas das línguas.

### **Uma análise de recortes de falas infantis**

Neste último item, para tentarmos amarrar a aproximação entre alguns conceitos da Linguística Enunciativa e os principais preceitos da Aquisição da Linguagem, optamos por uma análise que priorize a construção e a organização das noções em excertos de falas de infantes. Das nossas escolhas, uma delas foi a de trabalharmos, exclusivamente, com as noções verbais; mais especificamente com as noções dos verbos *ligar*, *juntar* e *sair* que aparecem em enunciados retirados de um corpus fornecido pelo grupo de pesquisa em Aquisição da Linguagem da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista.

Vale registrar que o corpus que aqui analisamos foi coletado e transcrito de uma gravação áudio-visual de uma situação em que um dos pesquisadores contava uma história (utilizando recursos lúdicos e interativos) para um grupo de quinze crianças. A partir disso, três crianças recontaram a história para a professora.

Sem mais, seguem quatro enunciados (com grifos nossos) recortados das narrativas dessas crianças:

---

<sup>3</sup> As ocorrências fenomenológicas são sempre tributárias das formas e das modalidades de nossas aprendizagens do mundo, mas essas modalidades serão ponderadas de modo diferente, segundo as culturas.

(1) ”... aí a mãe acendeu a luz... levou e botou ... ligou a torneira... e aí ela... ela... não saiu nada ..e aí... depois a mãe dela colocou ela para dormir... e colocou o cobertor nela...” (episódio 2, no qual o aluno 1 conta a história para sua professora)

(2) “depois ela... ela... ela... falou assim que/ que ela gostava de... de.... gostava da mãe dela... e depois ela disse assim... que ela... ia juntar os brinquedos para brincar...” (episódio 3, no qual o aluno 2 conta a história para a sua professora)

(3) “... aí depois a macaquinha falOU... ela .. ela falou para mamãe que queria fazer ... xi/ ... xixi e a mamãe... foi lá... ligou a luz... aí... ela ... ela não fez xixi ...” (episódio 4, no qual o aluno 3 conta a história para sua professora)

(4) “aí ...tava saindo cocô (mesmo ... cherou) e a mamãe estava ( ) e tava fedem::::do.” (episódio 4, no qual o aluno 3 conta a história para sua professora)

Já destacamos anteriormente que é através das ocorrências fenomenológicas e a partir dos construtos oriundos das experiências físicas, psíquicas e sociais que construímos noções e organizamos domínios nocionais. Cada situação enunciativa (discursiva), apesar de ser instável, resulta num diálogo que por excelência é um (re) definidor do domínio nocional, mesmo que provisoriamente dado pelos interlocutores. Assim, os movimentos entre o instável (diálogo) e o estável (nível predicativo) movimentam, também, as noções semânticas dos termos. Para ilustrarmos isso, recorreremos a Culioli (1995) que propõe um esquema básico de dois argumentos (a de um lado e b de outro) que são colocados em relação por intermédio de um relator (r), no caso, o verbo:

(a) (r) (b)  
(argumento) noção verbal (argumento)

Assim, a partir da relação <a,r,b> obtêm-se resultados possíveis, ou, em outros termos, associações semânticas:

- (1) macaca mãe (a) – ligar (r) – torneira (b)
- (2) macaca filha (a) – juntar (r) – brinquedo (b)
- (3) macaca mãe (a) – ligar (r) – luz (b)
- (4) macaca filha (a) – sair (r) – cocô (b)

Numa primeira instância, o que nos chama a atenção são os arranjos lexicais (verbais) que as crianças fazem ao se utilizarem dos verbos *ligar*, *jogar* e *sair* para contarem suas versões da história. Uma análise simplista apontaria que as crianças fazem as seguintes substituições a partir do texto original:

- (1) o verbo *ligar* ao invés de *abrir*.
- (2) o verbo *juntar* ao invés de *jogar*.
- (3) o verbo *ligar* ao invés de *acender*.
- (4) o verbo *sair* ao invés de *fazer*.

Mais simplista do que essa análise seria dizer que tais atribuições aos verbos em questão foram feitas de forma aleatória, pois o que seriam “abrir a torneira”, “pegar os brinquedos”, “acender a luz” e “fazer cocô” além de cristalizações feitas através das experiências linguísticas da comunidade brasileira falante da língua portuguesa?

As identificações possíveis entre os relatores (r) e os argumentos pospostos a eles (b): “ligar torneira”, “juntar brinquedo”, “ligar luz”, “sair cocô” demonstram que os verbos em

questão são passíveis de associações parciais (identificações dissimétricas), o que torna a predicação possível pelo fato de tais verbos possuírem propriedades que lhes permitem combinatórias diferentes em diferentes contextos.

Tomando, por exemplo, o verbo *ligar*, é notório que a criança está o tempo todo envolvida em situações conversacionais em que ele é empregado no sentido de “acionar determinado objeto”. Seriam alguns exemplos: *ligar a tv*, *ligar o carro* e por analogia, *ligar a torneira* e *ligar a luz*.

Trazendo rapidamente a questão para semântica lexical, diríamos que os verbos *ligar* e *acender* são, comumente, utilizados em campos semânticos confluentes, daí o caráter homonímico que lhes pode ser atribuído. O caso do verbo *sair* no tocante ao ato de “fazer cocô” é uma analogia muito comum para todo aquele que está em processo de aquisição de língua. O que vale notar é que o valor semântico não é alterado em nenhum momento quanto à substituição de *fazer* (o qual enfatiza o agente) por *sair* (o qual enfatiza a ação).

Das amostrar por nós selecionadas, a que traz menor grau de variação linguística é a referente ao uso do verbo *juntar* ao invés de *pegar* (enunciado 2). Logo, os verbos *juntar* e *pegar* inferem propriedades semelhantes ao ato enunciativo em questão e o que varia no caso é somente a interação que se estabelece entre sujeito e objeto.

Demonstra-se, assim, que as noções não são as palavras em si, mas o que elas representam e, desta forma, os verbos substitutos na fala das crianças ainda preservam as mesmas intenções comunicativas dos enunciados originais. Para a Aquisição da Linguagem, trata-se de um processo de extrema importância, haja vista que o que é inato é exatamente essa capacidade de construir representações e organizar as percepções feitas a partir da relação homem-homem e homem-mundo.

Talvez o que mais deva nos sensibilizar é essa capacidade que o infante tem de se remeter, mesmo que primariamente, àquilo que vêm assimilando ao longo de sua interação com o outro sem se prender às cristalizações de sua língua materna, ou mesmo como o próprio Fauconnier já bem considerou: “*o espaço integrante se desenvolve com uma estrutura*

*emergente própria que pode permitir por retroprojeção inferências novas, até mesmo uma reconceituação mais radical.” (apud REZENDE, 2003, p.28)*

E, ao nosso ver, é exatamente essa reprojeção que nos permite observar como as representações nocionais são organizadas e como se movimentam numa determinada cultura, além de demonstrar que as construções das noções (e suas organizações) passam necessariamente pela interação com o meio. Citando Rezende (2003), ainda diríamos que

a linguagem, enquanto forma, plasticidade, criatividade, fornece muito mais pontos do que uma língua-cultura acaba cristalizando; mostram-nos, ainda, que mesmo os pontos já cristalizados e as possibilidades ainda de cristalização precisam passar, para extrair os seus significados e valores, pelo avesso daquilo que está culturalmente construído: do impossível geramos o possível. (REZENDE, 2003, p.31)

Numa retomada rápida a alguns daqueles que se dedicaram à linguagem e à cognição, poderíamos traçar um paralelo com os postulados de Bruner, principalmente os que se referem à centralidade dos aspectos sociais e culturais no processo de aprendizagem. Assim, as ocorrências verbais atribuídas pelas crianças seriam frutos da construção de conceitos que emergem enquanto resultados de conhecimentos destes sujeitos.

Já numa referência a Vygotsky, a construção e a organização dos três verbos analisados estariam diretamente relacionados a interação da criança com o mundo em que ela vive. Seriam significações resultantes do desenvolvimento sócio-histórico da criança.

Observemos, por fim, que independentemente de qual seja a teoria que estabeleça os vasos comunicantes entre linguagem e cognição, a crença que se encontra no eixo condutor de cada uma delas é quase consensual: os sujeitos são, de fato, propensos a construir representações e significações e, por nossa conta, ainda diríamos que esses processos de construção tangenciam, impreterivelmente, as relações com o outro e com o meio.

## **Considerações finais**

O adultocentrismo e o etnocentrismo condicionam-nos e nos distanciam de uma visão de mundo não filtrada que só os infantes são capazes de ter quando estão aprendendo uma língua. No âmbito da linguagem, tal desprendimento cultural é de extrema relevância, pois o distanciamento que as crianças têm em relação à categorização mostra que é por meio da nossa relação com o mundo e do processo da construção categorial que as línguas são marcadas pelas propriedades físico-culturais resultantes de nossa interação e de nossas experiências.

Falar de linguagem e cognição é falar de algo semelhante a um domínio responsável pelas representações. Assim, falar de aquisição ou desenvolvimento da linguagem, seja qual for a teoria que esteja como pano de fundo, é falar da capacidade de julgamento, avaliação, atribuição de valores ou significados.

O que tentamos registrar aqui, foi, senão uma breve explanação cujo núcleo era a intrínseca relação entre sujeito e linguagem, ao menos alguns apontamentos que registram reflexões que colocam a cognição no cerne do desenvolvimento e da capacidade de representação dos sujeitos por meio da língua.

### **Referências**

- BRUNER, J. S. **Child's Talk: Learning to Use Language**. Oxford: OUP, 1983.
- CORREA, L. M. S. Aquisição da linguagem: uma retrospectiva dos últimos trinta anos. **DELTA**, São Paulo, v. 15, n. spe, 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501999000300014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 30 de Set. 2015.
- CULIOLI, A. **Transcription du séminaire de D.E.A. - 1975-1976**. Paris: Université de Paris VII. D.R.L., 1976.
- . **Cognition and representation in linguistic theory**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1995.
- FUCHS, C.; ROBERT, S. (Eds.) **Language diversity and cognitive representations**. Amsterdam: John Benjamins, 1999d.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. [S.l.]: Martins Fontes, 1991.

REZENDE, L.M. **Léxico e gramática**: aproximação de problemas linguísticos com educacionais. 2000. Tese de livre-docência. UNESP, Araraquara, 2000.

———. Casuality, diferencial property and the construction of notional domains. **Alfa**, São Paulo. v.47, n.2, p.21-.39, 2003.

VYGOTSKY, L.S. **Thought and Language**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1962.

VIGNAUX, G. Entre linguistique et cognition: des problématiques de l'énonciation à certains développements tirés de l'oeuvre d'Antoine Culioli. In: BOUSCAREN, J.; FRANCKEL, J.

ROBERT, S. (Eds.), **Langues et langage: problèmes et raisonnement en linguistique**: mélanges offerts à Antoine Culioli. Paris: Presses Universitaires de France, p. 565–582, 1995.